

Eu Respigo, Tu Respigas, Nós Respigamos: Narrativas Visuais e Práticas de Desperdício, Coleta e Reaproveitamento na Sociedade do Desmanche¹

Leila Beatriz RIBEIRO²

Rafael Rocha JAIME³

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O presente artigo propõe discutir por meio da análise fílmica da narrativa documental de 2000, intitulada “Os respigadores e a respigadora” (*Les glaneurs e la glaneuse*) de Agnès Varda, o cotidiano de diversos indivíduos que na França utilizam-se da prática milenar da respiga de sobras orgânicas deitadas fora após as colheitas, bem como, da coleta de alimentos, sobras de lixo e objetos inúteis descartados nos centros urbanos. A partir das inúmeras imagens que Varda constrói, somos levados a refletir acerca da sociedade contemporânea que em uma lógica de consumo e desperdício exacerbado descarta com a mesma velocidade objetos e alimentos. Verificamos ainda que, mesmo diante dessa cultura do desperdício, encontramos possibilidades de respostas por meio da luta pela sobrevivência material, simbólica e estética.

Palavras-chave:

Narrativas visuais; Sociedade do desperdício; Respiga; Coleta; Reaproveitamento.

Introdução

Até para ser flor é preciso ter sorte,
umas nasceram para embelezar a vida,
outras para embelezar a morte.
Mário Quintana

O que um filme sobre catadores de sobras e de lixo pode nos ensinar? O que essas imagens dizem sobre as coisas que nos tomam em nosso cotidiano? São esses os primeiros questionamentos que Agnès Varda nos instiga a desvelar em seu documentário intitulado “Os respigadores e a respigadora” (*Les glaneurs e la glaneuse*)⁴. O filme produzido em 2000, em plena virada do século, atenta para as tensões que hoje dominam o cenário

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual - GP Cinema. XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Adjunta IV do Programa de Pós-Graduação em Memória Social/UNIRIO, e-mail: leilabrbeiro@ig.com.br

³ Professor da Universidade Estácio de Sá/UNESA e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, e-mail: rafael.jaime@bol.com.br

⁴ Esse documentário ganhou os prêmios de melhor filme de não-ficção pela National Society of Film Critics (2001) e pela New York Film Critics Circle (2001), e de melhor documentário pela Los Angeles Film Critics Association (2001) e pela Boston Society Film Critics. (IMDB, 2012).

contemporâneo e que traduz a existência sofrida pelos impactos da circulação das mercadorias que transforma as coisas em líquidos (BAUMAN, 2001). É ainda com o mesmo autor e com outra obra (2008), e, partindo do próprio filme, que podemos vivenciar e refletir acerca da passagem da “sociedade de produtores” a “sociedade de consumidores”.

A primeira caracterizava-se notadamente por ser uma sociedade que interpelava seus membros (majoritariamente masculinos) como “produtores e soldados”; a porção feminina, por sua vez, se resumia basicamente a fornecer serviços. Obedientes às ordens e conformados a uma rotina monótona e notadamente pesada, esses trabalhadores eram “treinados” e estimulados a internalizarem uma ética do trabalho em que corpos dóceis se resignariam ao espírito do labor do chão de fábrica. Orientada por uma segurança estável, os indivíduos dessa sociedade eram estimulados a adquirirem bens que respondessem às motivações e aos desejos de estabilidade, respeito e segurança.

Em outra direção, a sociedade de consumidores, segundo o autor, apresenta como característica distintiva uma prática consumista direcionada para o mercado produtor de mercadorias, cuja expectativa de vida e utilidade é cada vez mais encurtada. Além disso, nessa sociedade, torna-se fundamental a existência de uma florescente indústria de remoção do lixo, que irá “absorver” os objetos descartados por consumidores ávidos por substituí-los por novos. Esses consumidores, por sua vez, são deslocados do papel de sujeito em suas escolhas e tornam-se agora, eles próprios mercadorias.

Segundo o Online Etymology Dictionary (OED) ⁵, etimologicamente, o verbo consumir vem do latim *consumere* (com-, prefixo de intensidade + sumere, tomar, levar) cujo significado pode ser usar, comer, mas também desperdiçar. Esta tradução nos parece significativa quando a transplantamos para análise das sociedades capitalistas contemporâneas, onde o desperdício se faz presente em todas as esferas da vida social.

Consumir é um ato essencial para o homem, para sua sobrevivência, portanto, não há como negar que somos consumidores por natureza, na medida em que consumimos os três grandes reinos de que se compõe a natureza. Consumimos animais, vegetais, minerais, e por certo, esta capacidade de adaptação na ordem do consumo contribui como possibilidade a mais de existência que vemos restrita em outros seres. Bauman (2008, p.37) acrescenta que, de raízes antigas, o fenômeno do consumo é uma condição inerente à

⁵ Onde se lê: late 14c., from O.Fr. consumer "to consume" (12c.) and directly from L. *consumere* "to use up, eat, waste," from com-, intensive prefix (see [com-](#)), + *sumere* "to take," from sub- "under" + *emere* "to buy, take"

sobrevivência dos organismos vivos e faz parte do ciclo metabólico de “ingestão, digestão e excreção.”

Nosso olhar metodológico nos aponta a possibilidade, conforme discorrem Vanoye e Goliot-Lété (1994), de responder a questões originárias do nosso campo de pesquisa, que busca investigar, entre outras questões, os restos do desperdício, do acúmulo e/ou do desmanche⁶. É nesse sentido que também, utilizamos ainda o aporte metodológico de Aumont e Marie (2009) que nos indicam instrumentos e técnicas para a descrição, decomposição, interpretação e validação de uma análise fílmica. Em outras palavras, buscamos entender analiticamente como o lixo, as sobras orgânicas e os objetos inúteis⁷, situados fora do circuito das trocas, são coletados e simultaneamente evocados a partir da representação de um “imaginário do desmanche”, metáfora trabalhada por Teixeira Coelho e apropriada por Fabrício Silveira (2010, p.9), imaginário esse que designa um desejo de destruição sobreposto ao de construção.

Para nós, acompanhando essas reflexões teórico-metodológicas, outras questões nos intenta aqui desvelar, a saber: o que uma prática como o ato de respigar, abordada pelo documentário, propicia na análise das sociedades contemporâneas, no que se refere ao consumo, ao mercado, às mercadorias e sua vida social (produção, absorção, descarte e reaproveitamento) e a identidade dos indivíduos descentrados da contemporaneidade.

Dessa forma, seguindo as pegadas de Varda em sua primeira experiência com uma máquina digital, em uma respiga digitalizada, passeamos pela França rural e urbana que ainda guarda na memória e nas práticas antigas e atualizadas o ato da respiga. A força da diretora e narradora reside nos muitos tipos de respiga que não se restringe aos objetos e alimentos, mas também às sensações e emoções que ela é capaz de capturar.

Da prática de deitar fora, onde parte da colheita que não serve para a venda é excluída, apreendemos a respiga, uma função inicialmente limitada às mulheres que em grupos recolhiam dos campos, após as colheitas, as sobras de frutas, verduras, legumes e tubérculos. Apreendemos ainda, o ato do rebusco, que de modo similar a respiga recolhe os frutos suspensos nas árvores, mas em uma direção diferente.

⁶ Esses objetos, sob a ótica problematizada por Bauman não carregam mais o volume, a solidez, a duração e o peso da sociedade capitalista clássica. Se antes os objetos testemunhavam a força de seus donos, hoje, os objetos são leves, acelerados – como os seus portadores – preferencialmente portáteis e tradicionalmente descartáveis traduzindo a idéia da instantaneidade e da movimentação ágil.

⁷ Segundo Marx (1980), os objetos úteis são aqueles que se tornam mercadorias em decorrência de uma produção de trabalhos privados que, em conjunto formariam uma totalidade de trabalho social.

O desperdício no campo também se faz muito presente na cidade, onde padarias, mercados, restaurantes, feiras e supermercados, por conta da renovação de estoques, diariamente abarrotam as ruas com restos e sobras de alimentos que ainda podem ser aproveitados. Parte desse descarte, por vezes, quando se trata de lixo doméstico, é regularizado pelo governo local que determina quais os locais e as condições permitidas.

De uma prática milenar e coletiva, nos deparamos hoje com uma inclinação solitária e, por vezes, excludente (sem-tetos, desempregados, trabalhadores, artistas e ativistas ecológicos) que nos campos e cidades respigam, rebuscam, catam, reciclam e reviram plantações, estufas, containeres, latas de lixo etc., na luta pela sobrevivência material e simbólica.

Homo sapiens, Homo collector!

O filme em sua abertura mostra um gato deitado sobre um antigo monitor de computador que se encontra entre outros objetos como caixas e fichários de arquivos. Na sequência seguinte, o título do filme surge em sobreposição à lombada de um livro buscando legitimidade, a partir da narrativa visual da produtora e diretora, ou seja, de um olhar muito pessoal de Agnes, o que vai retratar durante todo o documentário. A imagem seguinte reforça ainda mais sua função documental quando nos deparamos com a lombada do tradicional e respeitado dicionário Larousse Ilustrado em seus vários tomos, donde o que se refere aos verbetes de E à G aparece no centro da tela, para se fixar na letra "G" de *glanage*, que a narradora esclarece o significado do termo que em português traduz-se por respiga. “Respigar é ato de apanhar os restos depois da colheita”, coletar e selecionar o que sobrou, e respigador ou respigadora é aquele sujeito/indivíduo que desempenha a respiga, a coleta dessas sobras: “Respigar é um costume de outrora, mas ainda se recolhem restos na nossa sociedade saciada. Urbanos e rurais curvam-se para recolher. Não há vergonha, apenas desordem.” (OS RESPIGADORES..., 2000, [VARDA]).

Respigar é uma prática ancestral, que está presente em muitos povos e culturas, prova disso, é que, encontramos em passagens da Bíblia referências a ela. Em Levítico⁸ (19,9) aprendemos que: “Quando fizeres a ceifa em vossa terra, não cortareis as espigas até os limites de vosso campo, e não recolhereis o que resta a respigar de vossas colheitas.”

⁸ Terceiro livro da Bíblia, Levítico faz parte do Pentateuco e tem a autoria atribuída a Moisés. Possui 27 capítulos e contém a Lei dos sacerdotes da Tribo de Levi, tribo de Israel escolhida para exercer a função sacerdotal. É um dos livros do Antigo Testamento e seu caráter é legislativo. É um livro teocrático, onde se encontram normas e leis que regulam a religião, como a lei de santidade, de diferenciação entre puros e impuros, e até mesmo, a ritualização dos sacrifícios.

Mas, para além da sobrevivência, que obviamente está no centro da ação, o ato de respigar nos alerta para a questão social e moral do outro, pois “por mais egoísta que se suponha o homem, evidentemente há alguns princípios em sua natureza que o fazem interessar-se pela sorte de outros, e considerar a felicidade deles necessária para si mesmo [...]” (SMITH, 1999, p.5). Deste modo, nos adverte a Bíblia “Não respigareis tampouco a vossa vinha, nem colhereis os grãos caídos no campo; deixá-los-eis para o pobre e o estrangeiro. Eu sou o Senhor, vosso Deus.” (LEVÍTICO, 19,10).

A respiga também se mostra como um ato solidário, um estar no lugar do outro e “Essa é a fonte de nossa solidariedade para com a desgraça alheia, que é trocando de lugar, na imaginação, com o sofredor, que podemos ou conceber o que ele sente ou ser afetados por isso...” (SMITH, 1999, p.6). E, por isso, ainda de acordo com Adam Smith (1999), a solidariedade é um dos mais importantes sentimentos do ponto de vista social, pois que se configura como um importante instrumento na construção dos laços sociais.

No filme, várias passagens ilustram essa solidariedade. Em uma delas, um dos personagens, desempregado, aparece respigando batatas que alimentarão pessoas necessitadas. Ele afirma: “Ajudo as refeições de caridade, porque estou desempregado. Espero em breve começar num trabalho, à experiência, e até lá, em vez de estar parado, prefiro ajudar às pessoas que vivem com dificuldade”. Sua ação corrobora o caráter solidário da respiga, pois “Quando se vê tanto desperdício, sabendo que tanta gente não tem comida, faz muita pena”. (OS RESPIGADORES..., 2000).

Há ainda outro traço peculiar, a legalidade do ato de respigar. Em um mundo onde o direito de propriedade se impõe de forma acentuada, parece bastante paradoxal pensarmos que no caso da respiga, o direito público se sobrepõe ao direito privado. Em uma das passagens, o Sr. Dessuad, um advogado rural, afirma que “Não sou eu quem o diz, é o código penal que o afirma no artigo R-26.10: “É permitido respigar desde o nascer até ao pôr do sol. É a primeira condição. A segunda condição, é que a respiga ocorra após a colheita normal”. Na imagem seguinte, já de toga ele sentencia, “Ao folhear um velho livro de Direito, dei com um decreto, ou melhor, um edital de 2 de novembro de 1554, que diz exatamente o mesmo que a lei atual. “Autoriza os pobres e desfavorecidos a tirar proveito dos campos após as colheitas”. (OS RESPIGADORES..., 2000).

Mas seria a respiga um direito só dos pobres e necessitados? E aqueles que respigam por outras razões, teriam legitimidade para fazê-la? Sim, ela é interpretada em sentido *lato*, pois, como ainda nos alerta o documentário, “É como se precisassem de algo também. Se o

fazem por prazer, é porque necessitam desse prazer. Portanto, se respeitam os princípios, têm direito de respigar como os pobres o faziam.” (OS RESPIGADORES..., 2000).

No entanto, em diversas regiões da França a prática da respiga é conflituosa e até mesmo proibida, como na Borgonha. Um dos personagens do filme que é viticultor diz que pouco ouviu sobre a respiga e que esta é um entrave ao controle e a garantia da qualidade dos famosos Pommard. Segundo ele, “Em casa, nunca ouvi falar muito de respiga. Os viticultores hoje protegem-se contra isso. Porque, quando se deixa respigar, é difícil prever a que escala as pessoas o farão.”, e, mais a frente complementa, “A intenção é proteger a nossa profissão e o nosso capital.”

Lixo: da arte da sobrevivência às possibilidades estéticas

Indo do campo para a cidade, acompanhamos a narrativa documental agora acerca do direito a coleta no espaço urbano⁹. Varda aponta sua câmera para a Sra. Espie, advogada urbana que nos esclarece:

A legislação da respiga não se aplica a esses objetos. ‘Res derelictae’ são coisas sem dono. A intenção dos donos foi claramente expressa: abandonar esses objetos. O Código Penal fala do seu estatuto, diz que eles não podem ser alvo de roubo, pois não tem dono. Quem recolher estes objetos passa a ser o seu dono. É uma aquisição, algo original, pois não vêm de ninguém. Os objetos pertencem a quem os levar de modo irrevogável. (OS RESPIGADORES..., 2000).

Sob pontos de vista diversos, o descarte nos parece um sintoma, uma metáfora bastante apropriada ao entendimento do estágio atual da sociedade de consumo em uma cultura capitalista de desmanche. Por outro lado, ele possibilita posturas políticas e estéticas que se traduzem por meio da música, do protesto e da arte. Assim, a narradora nos orienta em sua trajetória narrativa: “Filmamos e vamos filmar pessoas que frequentam o lixo, mas com razões diferentes para o fazer. Cada um à sua maneira.” (OS RESPIGADORES..., 2000). Dessa forma ao som de um rap, diversas imagens de catadores de lixo desfilam na tela e vão corroborar a rotina dos excluídos.

É mau, é triste
Baixar-se, mas não rebaixar-se
Dói-me a alma por vê-los agachados comendo restos desprezados

⁹ Ainda que resguardada em seu aspecto jurídico, a coleta urbana pode apresentar alguns pontos de tensão. O documentário narra um conflito entre jovens sem-teto e um gerente de supermercado pelas sobras deixadas nos containeres. Os jovens que reviravam o lixo para se alimentarem foram acusados de vandalismo e invasão de propriedade privada, sendo levados à justiça para responderem em juízo pelos atos praticados. Para a magistrada responsável pelo caso trata-se de reprimir um ato de violência: “Comparecer no tribunal foi uma sanção, para esses jovens que viram as costas à sociedade. A intenção não era multá-los, mas apenas recordá-los a lei.”. Segundo Varda, para os jovens “no tribunal foi um diálogo de surdos, mas não de mudos.” (OS RESPIGADORES..., 2000).

Vivem do que é rejeitado
Tudo é aproveitado
Sobras deixadas ao abandono
Abjetos sobejos sem dono
Antecipando-se ao varredor
Tudo para eles tem o seu valor
Tem de vasculhar para matar a fome
Sempre foi assim
Essa história não tem fim.

Seguindo a linha do protesto político somos apresentados ao “Homem de grandes botas”, que as usa freqüentemente tanto para enfrentar as hostilidades e obstáculos do caminho como para sentir-se senhor daquela cidade ao usufruir dos seus restos que ela perversamente desperdiça:

Toda a gente, ricos, pobres, todos deitam comida fora. Por quê? Porque temos uma atitude estúpida face às coisas. [...] Alimento-me 100% do lixo há mais de 10 anos... E nunca fiquei doente. [...] Tenho um emprego, salário, número de segurança social... [...] Recuperar, para mim, é uma questão de ética, porque acho absolutamente escandaloso haver tanto desperdício pelas ruas. (OS PRESPIGADORES..., 2000).

Essa percepção ética e moral do desperdício encontra também um sonoro eco criativo em meio as artes. No filme, capturamos o discurso de Herve, um artista plástico que fala sobre a arte de pintar e do jeito de ser trapeiro que segundo ele, “significa aproveitar os objetos de que as pessoas se desfazem. [...], pois é assim que procuro a minha matéria prima [...] O que gosto na recuperação desses objetos é que eles têm um passado, já tiveram uma vida e continuam a ter vida. É só dar-lhes uma segunda oportunidade.”

Tomando outro personagem do filme, o também artista plástico Louis Pons, confirmamos nossas impressões que, em Bourriaud (2002), indicam uma substituição no sistema formal de produção aproximando o modelo visual dominante aos mercados de pulgas, feiras-livres, bazares, com a utilização de materiais usados e produtos de diversas procedências. O método da reciclagem e a estética do arranjo caótico têm suplantado as prateleiras da vitrines dos shoppings no papel de matrizes formais. E isso por que?

Porque o mercado se tornou a referência onipresente para práticas artísticas contemporâneas? Em primeiro lugar, ele representa uma forma coletiva, uma conglomeração desordenada, proliferativa e eternamente renovável que não depende do comando de um único autor: um mercado não é desenhado, ele é uma estrutura unitária composta de múltiplos signos. Em segundo lugar, essa forma (no caso do mercado de pulgas) é o local de uma reorganização de produções passadas. Por fim, ele incorpora e constrói os fluxos e relacionamentos do material que tem a tendência à

desincorporação com o aparecimento de compras através do computador. (BOURRIAUD, 2002, p. 14).

A reutilização, a reciclagem é antes de tudo, principalmente nas artes plásticas, um trabalho de ressignificação, oferece uma nova vida à esses objetos, uma nova linguagem, pois que, segundo Luis Pons,

Todas essas coisas por aí são o meu dicionário... coisas inúteis. Para alguns é um monte de lixo. Para mim é um monte de possibilidades. São indicações, são traços que encontro na rua, que eu respigo, e que se tornam nas minhas pinturas. O propósito da arte é o nosso mundo interior com os mundos exteriores. [...]. Faço frases com as coisas. (OS RESPIGADORES..., 2000).

Essas reflexões sobre o descarte e desperdício nos exigem aqui pensar algo mais, o sentido da acumulação. O ato de acumular podemos dizer trata-se daquelas categorias ditas universais em face de sua presença em quase todas, senão todas, as sociedades conhecidas. Para Pomian,

Responde-se a esta questão invocando argumentos diversos, inspirados na maior parte das vezes numa espécie de psicologia primária que postula aquilo de que necessita: por exemplo, um instinto de propriedade ou uma propensão para acumular, que seriam próprias senão de todos os homens, pelo menos de todos os homens civilizados ou, ainda, de certos indivíduos. (1984, p.54).

Portanto, seja para fins de sobrevivência, ritualísticos, comerciais, e/ou até mesmo identitários, os modos de acumulação e, por conseguinte, o que se acumula, pode sim nos fornecer pistas valiosas para o entendimento dos diversos sistemas sociais, que sabemos modificam-se em muitas culturas. Nesse sentido, é importante o exame sobre as dimensões sociais do processo de acumulação e descarte para entendimento do desenvolvimento socioeconômico e cultural das sociedades, em especial as contemporâneas que parecem cada vez mais operarem sob a ótica do desmanche, do descarte e do desperdício.

Em “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”, Engels (1960), a partir dos estudos de Lewis Morgan e Karl Marx, concentra seus esforços em desenhar o quadro do desenvolvimento da humanidade. Nele, o que nos chama a atenção é a latência com que a capacidade humana de acumular alimentos, armas e objetos, propiciou a determinados grupos a passagem do estado selvagem ao civilizado passando pela barbárie. Com isso, evidenciamos uma vez mais, o fato de que o ato de acumular se configura como um dos principais elementos do sistema social, visto que sua importância não se dá somente no campo econômico, mas espalha-se para as outras esferas, principalmente se pensarmos

que de alguma forma a acumulação possibilita a troca, e esta, media a forma da associação humana, pois como atenta Ellen Wood, “as relações entre os seres humanos são mediadas pelo processo da troca de mercadorias, as relações sociais entre as pessoas assemelham-se a relações entre coisas” (2001, p.16).

Se, como demonstra Marcel Mauss (2003), há uma primazia social da troca dentro das relações sociais mesmo em sociedades ditas primitivas, o que dizer então das capitalistas industriais modernas onde o ato de acumular assume uma dimensão muito mais complexa?

Eu sou aquilo que consumo?

O sentido de consumir varia muito se tomarmos em conta o tempo e a estrutura social, que sempre demandam necessidades específicas, determinadas. Entretanto, com a ascensão do sistema capitalista industrial houve uma mudança radical na forma do consumo e do modo de vida, exigindo uma alteração quantitativa e qualitativa na escala de uso das coisas.

De um lado, a passagem do sistema mercantil ao industrial exigiu que o consumo se acelerasse, se adaptasse ao ritmo industrial de produção, onde as coisas deveriam ser consumidas num espaço de tempo cada vez menor. O homem que usava os objetos precisava ser convertido em consumidor de mercadorias, assim, “a conversão do *homo faber* em animal *laborans* foi a fórmula encontrada pelos agentes econômicos de acomodar o poder de compra individual ao ritmo da produção” (COSTA, 2004, p.133). De outro lado, fez do consumo, o arauto da modernidade, o lugar de constituição e materialização dos valores trazidos pelo mundo moderno, um mundo sintético, fragmentado e acelerado.

O indivíduo então, desvinculado das instituições tradicionais que lhe forneciam reconhecimento e pertencimento, se viu livre para construir um tipo de agenciamento novo, e temos que lembrar sempre que

[...] o desejo do novo é, por definição, inextinguível. Em certa medida, as vanguardas estéticas já sabiam disto, porque uma vez rompidas as comportas da tradição, da religião, das autoridades indiscutíveis, o novo se impõe com seu moto-perpétuo. O mesmo ocorre no mercado ou, melhor dizendo, no mercado mais do que em qualquer outro cenário. (SARLO, 2006, p.26)

Bauman (2008) esclarece que essa pressa do consumidor em adquirir novos produtos se dá em parte por uma lógica impulsiva que se traduz no ato de aquisição e acumulação. No entanto, argumenta ele que o imperativo do gesto consumista é na

realidade a necessidade do descarte e da substituição. Assim, a economia do consumo, baseada no excesso e no desperdício, pode alimentar-se com eficiência e rapidez já que o movimento das mercadorias é veloz e direcionam-se para o lixo.

Mas esse exercício novo, singular e próprio de si, na outra extremidade terminou por engendrar uma percepção muito instável de nós mesmos e da sociedade, uma instabilidade que se “compensa no lar dos sonhos, onde com retalhos de todos os lados conseguimos operar a ‘linguagem da nossa identidade social’.” (SARLO, 2006, p. 25).

A idéia de que eu pudesse estar sucateando tão depressa algo que pouco tempo antes parecia prometer tanto, em outra época teria sido de uma extravagância inconcebível. Mas esse foi exatamente o sonho dos pioneiros do marketing americano nos anos de 1930. Eles estavam determinados a convencer o mundo a consumir para sair da Grande Depressão. O pioneiro da publicidade Ernest Elmo Calkins cunhou o termo ‘engenharia de consumo’. Em *Consumer Engineering: A New Technique for Prosperity*, publicado em 1932, ele sugeria que ‘os bens são de duas classes: os que utilizamos, como carros e aparelhos de barbear, e os que consumimos, como pasta de dentes ou biscoitos amanteigados. **A engenharia de consumo precisa tratar de fazer com que consumamos o tipo de produtos que agora simplesmente utilizamos**’. [...] (SUDJIC, 2010, p.14, grifos nossos).

Na visão sociológica tradicional, o conceito de cidadania se divide em três partes ou elementos. Segundo T. H. Marshall (1967)¹⁰, a cidadania emerge da cristalização dos direitos civis, políticos e sociais adquiridos respectivamente nos séculos XVIII, XIX e XX, todavia, na passagem do século XX ao XXI “afirma-se que a cidadania se constitui no mercado e, por isto, os shoppings podem ser vistos como os monumentos de um novo civismo.” (SARLO, 2006, p.18). De fato, o mercado e o consumo se afirmam cada vez mais como o espaço onde a cidadania é exercida. Há neles uma ideologia¹¹ libertária, a sensação de que cada produto consumido representa o exercício de nosso arbítrio individual.

Os processos de seleção, organização, hierarquização e circulação promovidos pelo mercado produzem, simultaneamente, uma noção de unidade e diferença através de percepções extramercantis que abrangem objetos adquiridos no interior mercado, afinal:

[...] a cultura sonha, somos sonhados por ícones da cultura. Somos livremente sonhados pelas capas de revistas, pelos cartazes, pela publicidade pela moda: cada um de nós encontra um fio que promete

¹⁰ Segundo T. H. Marshall (1967, p.63), “O elemento civil é composto dos direitos necessários à liberdade individual – liberdade de ir e vir, liberdade de imprensa, pensamento, fé o direito à propriedade e de concluir contratos válidos e o direito à justiça. [...] Por elemento político se deve entender o direito de participar no exercício do poder político, como um membro de um organismo investido da autoridade política ou um eleitor dos membros de tal organismo. [...] O elemento social se refere a tudo o que vai desde o direito ao mínimo de bem-estar econômico e segurança ao direito de participar, por completo na herança social”.

¹¹ Usamos o termo ideologia no sentido marxista, de falsa consciência.

conduzir a algo profundamente pessoal, nessa trama tecida com desejos absolutamente comuns. (SARLO, 2006, p. 25).

Deste modo, a circulação constante de pessoas, objetos, serviços e sensações nos trazem a forte impressão de que a vida social como um todo se resume ao mercado, e este na ideologia capitalista aparece com espaço de liberdade. Porém, um olhar mais detido nos sugere que ao invés de liberdade trata-se mesmo de coerção, de compulsão. Segundo Ellen Wood (2001), o traço característico distintivo do mercado capitalista é a compulsão com que os indivíduos são levados a agirem em um sistema que aparenta oportunidade e escolha. Em sua visão, isso decorre por dois motivos:

[...] primeiro, a vida material e a reprodução social no capitalismo são universalmente mediadas pelo mercado, de forma que, de um modo ou de outro, todos os indivíduos têm que entrar nas relações de mercado para obter acesso aos meios de subsistência; e segundo, os ditames do mercado capitalista... regem não apenas todas as transações econômicas, mas as relações sociais em geral. (WOOD, 2001, p.16).

Assim, não há escolha real, pois as possibilidades de escolhas estão sempre limitadas à órbita do que o mercado institui. E essa coerção aparece de forma bastante explícita na própria forma de consumir, pois “o mercado é uma linguagem e todos nós procuramos falar algumas de suas línguas: nossos sonhos não têm muito jogo de cintura. Sonhamos com as coisas que estão no mercado.” (SARLO, 2006, p.26).

Essas contradições da forma-valor do mercado, que em um movimento paradoxal ao mesmo tempo inclui e exclui, permite e restringe, vai ao encontro dos indivíduos descentrados da modernidade, que desenraizados buscam novas formas de constituição e transmissão de si. Em consonância com essa lógica tempo-espacial fluída (Bauman, 2001), os consumidores assumem um caráter de incompletude, de desmanche, ou o que na linguagem benjaminiana, diz-se caráter destrutivo, pois que afinal, de acordo com BENJAMIN, (2000, p. 237): “Alguns transmitem as coisas, tornando-as intocáveis e conservando-as; outros transmitem as situações, tornando-as manejáveis e liquidando-as. Estes são os chamados destrutivos. [...] O caráter destrutivo não vê nada de duradouro. [...] Nenhum momento é capaz de saber o que o próximo traz.”

Portanto, em nossa visão, o espaço das trocas do que se acumula, o mercado, é o lugar privilegiado aos que se interessam desvelar a lógica cultural pós-moderna.

Considerações Finais

Na sociedade contemporânea nosso valor identitário mede-se por nossa capacidade de consumo, comprar bens tornou-se ritualisticamente um gesto de “satisfação espiritual”. Mais do que isso, as estratégias de obsolescência desenvolvidas pelo sistema mercantil e de *marketing*, corroboram para que este gesto se concretize. A partir da fabricação sistemática de produtos com uma vida útil determinada os consumidores são levados a sentirem-se seduzidos pelo novo. Conseqüentemente, o apelo da novidade carrega consigo o desejo da substituição e da satisfação momentânea de novas aquisições. De acordo com Leonard (2007), 99% das coisas cultivadas, processadas e transformadas viram lixo em 6 meses. Esse ritmo obedece a um ciclo de consumo, destruição e descarte sustentando assim o princípio metabólico do mercado.

É esse princípio que Varda nos mostra, por exemplo, com a respiga de uma plantação de batata que retira numa colheita uma média de 4.500 toneladas por época e que por conta das exigências mercadológicas deitam fora em torno de 25 toneladas de batatas. Dessas, pouco mais de duas toneladas são reaproveitadas.

Ver todo o excedente rejeitado ante a necessidade de sobrevivência das pessoas causa aos personagens uma indignação, que se traduz na inconformidade que ouvimos no rap: “Faz-me sentir revoltado. Ver tanto alimento desperdiçado. Se não consegues trabalho, se vives abandonado. É bom pelo menos saber, que há algo para comer.”

Ainda que nessa sociedade se desperdicem recursos e pessoas, o lixo e as sobras podem virar material reaproveitado “porque aquilo de que precisamos nos livrar é da antiga mentalidade de usar e jogar fora”. (Leonard, 2007).

Por enquanto, seguindo os passos da tradição da respiga, como nos mostra o documentário, os campos e as ruas encontram-se amontoados de sobras que estão à espera dos desempregados, dos sem-teto, dos mendigos e dos artistas que podem servir-se dessas coisas como presentes de Natal (OS RESPIGADORES..., 2000 [Herve]).

Referências

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. *A análise do filme*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. 5ª ed. São Paulo Brasiliense, 2000. Obras escolhidas v. 2

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Limitada, 1960.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Departamento de Museus e Centros Culturais, 2007. (Coleção Museu, Memória e Cidadania).

A HISTÓRIA das coisas (*The Story of Stuff*). Direção: Louis Fox; Roteiro e apresentação: Annie Leonard; Produção: Free Range Studios. EUA: Documentário animado. 2007. 20 min.. Sonoro. Colorido. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=xagIF9jhZLs>. Acesso em: 12 abr. 2012.

KURZ, Robert. *Os últimos combates*. Petrópolis: RJ: Vozes, 1997.

LEONARD, Annie. *A história das coisas: da natureza ao lixo, o que acontece com tudo que consumimos?* Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LEVÍTICO. In: *BÍBLIA Católica*. Disponível em: <http://www.bibliacatolica.com.br/busca/01/1/respigar#ixzz1ytj4N4wS>. Acesso em: 20 jun. 2012.

MARSHALL. T. H. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MARX, Karl. O fetichismo da mercadoria: seu segredo. In: _____. *O Capital: crítica da economia política*. 5ª ed. Rio de Janeiro: 1980. p.79-93. (Livro Primeiro: O processo de produção do capital).

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

ONLINE Etymology Dictionary. Disponível em: <http://www.etymonline.com/>. Acesso em: 13 jun.2012.

RIBEIRO, Leila Beatriz. Por que não colecionar selos? Velhice e objetos de coleção em Urbano, O Aposentado. *Ciências Sociais Unisinos*. São Leopoldo, v.43, p.199-207. Disponível em: http://www.unisinos.br/diversos/revistas/ojs/index.php/ciencias_sociais. Acesso em: 20 abr. 2012.

OS RESPINGADORES e a respingadora (*Les glaneurs e la glaneuse*). Direção e Produção: Agnès Varda. FRA: 2000, Documentário, colorido, 82 min.

OS RESPINGADORES e a respingadora (*Les glaneurs e la glaneuse*). Disponível em: <http://www.imdb.com/name/nm0889513/>. Acesso em: 15 abr. 2012.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

SILVEIRA, Fabrício. *O parque dos objetos mortos: e outros ensaios de comunicação urbana*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2010.

SMITH, Adam. *Teoria dos sentimentos morais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SUDJIC, Deyan. *A linguagem das coisas*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio Sobre a análise fílmica*. São Paulo: Papyrus, 1994.

WOOD, Ellen. *A origem do capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.